

INTERESSE NACIONAL E PECULIAR INTERESSE LOCAL: COMO DISTINGUI-LOS?	
MANUELA LOURENÇO PIRESTORQUATO .....	95
ANOTAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE DIREITO E CONÔMICO	
MARIA DO CARMO RODRIGUES ANDRADE PACHÊCO .....	107
O PAPEL DA JUSTIÇA ELEITORAL NA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA - ELEIÇÕES NO CEARÁ: 1994-96.	
MARTONIO MONT'ALVERNE BARRETO LIMA .....	117
EVOLUÇÃO DOS DIREITOS INDIVIDUAIS NO ESTADO MODERNO	
PAULO ANTONIO DE MENEZES ALBUQUERQUE .....	145
A ÉTICA ESPINOSANA NAS CIÊNCIAS HUMANAS	
PRECILIANA BARRETO DE MORAIS .....	155
O DIREITO A ANTECIPAÇÃO DE TUTELA APLICADO AO DIREITO PROCESSUAL TRABALHISTA	
RAIMUNDO AMADEU ROCHA FILHO .....	167

## NIETZSCHE, MORAL E POLÍTICA MODERNA

ALEXANDRE ANTONIO BRUNO DA SILVA

*Professor do Curso de Direito da UNIFOR  
Mestre em Informática - PUCRJ  
Mestrando em Direito - UFC*

### RESUMO

*Dificilmente algum filósofo, em qualquer tempo, foi tão audaz e capaz de criticar de tal forma as bases do pensamento humano de sua época. De sua visão crítica, da sua filosofia a golpes de martelo, quase nada escapou. Por ele foram feitas pesadas críticas relativas à moral cristã, à educação massificada, ao liberalismo, ao socialismo, ao nacionalismo e ao regime democrático.*

*Neste trabalho apresentaremos, resumidamente, a filosofia moral de Nietzsche e seus principais posicionamentos a cerca da política e do Estado moderno.*

### ABSTRACT

*Difficultly some philosopher, in any time, was so audacious and capable of criticizing in such a way the bases of the human thought nationalism and the democratic regime.*

*In this work we will present, concisely, the moral philosophy of Nietzsche and its main positions about the politics and modern State.*

## 1. A Filosofia Moral de Nietzsche

Em suas principais obras, Nietzsche define as principais bases de seu pensamento filosófico. Pela linguagem utilizada pelo autor e pela própria complexidade dos conceitos tais idéias ao longo do tempo mereceram uma série de interpretações distintas. Geralmente ao se interpretar algo complexo, como a obra de Nietzsche, certamente, na interpretação, fica muito mais do pensamento daquele que interpretou do que o desejável. Por vezes o pensamento original acaba sendo afastado. Procuraremos mostrar uma interpretação relativamente imparcial dos principais conceitos. Se não imparcial, a que nos parece ao menos, mais aceitável.

### 1.1 A Moral em Nietzsche

Inicialmente, vamos apresentar aqui um assunto de considerável importância: a filosofia moral de Nietzsche. E tanto maior a importância de um assunto maior a responsabilidade daqueles que, sobre ele, se debruçam. Aqueles que uma vez já se defrontaram com a devida atenção sobre o pensamento de Nietzsche percebem a temeridade que consiste a tarefa de esclarecerlo e, em especial, suas reflexões sobre as questões de ordem moral.

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich W. Crepúsculo dos Ídolos, Hemus Editora, São Paulo, SP, pág. 10.

O pensamento nietzscheano é de uma potência criadora e recriadora incomparável. Nietzsche é uma espécie de tônico revigorante, em sua filosofia faz questão de falar de coisas belas e duras. Não é a toa que ele assevera que na “Escola Bélica da Vida – O que não me faz morrer me torna mais forte”.<sup>1</sup> Aquele que consegue superar a dureza de suas palavras, a dureza da vida, torna-se mais forte para executar sua própria obra.

A leitura da sua obra é um estímulo à razão e ao coração. Seu estilo literário é sofisticado, diferente. Entretanto, certas idéias deste pensador saltam aos olhos e surge o espanto, a admiração. Merecem um maior estudo.

Neste ponto do trabalho teremos a preocupação de apresentar o pensamento de Nietzsche quanto ao fundamento inovador de sua filosofia moral.

Segundo Nietzsche, o mundo humano é um mundo de ações. As ações morais constituem grande parte das ações humanas no mundo. Estas ações morais são determinadas por representações de valor relativas a uma tábua de valores do bem e do mal. As representações de valor quanto ao bem e ao mal de cada ação determinam, pois, em sentido fundamental, as ações humanas no mundo.

Assim, elucidar em que consiste o bem e o mal, quais valores são bons e maus, é condição necessária para a fundamentação e justificação das ações morais no mundo. O que pretendemos aqui é esclarecer a posição filosófica de Nietzsche diante de tal problemática.

Grande parte da obra filosófica nietzscheana é relativa às questões morais. A posição de Nietzsche é fundamentalmente de crítica aos valores dominantes moderno-cristãos. Quer dizer, para Nietzsche, aquilo que é ou foi considerado “bom” do ponto de vista moderno e cristão é ou foi, na verdade, “mau”.

Sua perspectiva consiste, de um lado, colocar em questão a moral, ou seja, o valor absoluto da moral e, de outro, fazer uma crítica das valorações morais tradicionais.

Pode-se extrair um duplo sentido desta crítica moral. O primeiro aponta para uma crítica total da moral, quer dizer, a moral é vista como ruim em si mesma, na medida em que ela representaria uma simples coerção ao indivíduo autônomo. A moral aqui é “um instrumento do instinto de rebanho”. O segundo, quando começa em sua obra o trabalho de distinção genealógica, aponta para a afirmação de uma certa moral, a moral aristocrática, em oposição à moral escrava.

A genealogia da moral nietzscheana indica a existência fundamental de duas morais: a moral do senhor e a moral do escravo.

A primeira representando o bem e a segunda o mal, travaram ao longo da história humana uma luta fundamental e, ainda hoje, determinam o essencial desta história.

Esta genealogia colocará questões admiráveis quanto às representações do bem e do mal e os modos de fundamentação e legitimação das ações morais. Relativamente a toda tradição moderna-cristã a genealogia transforma “o bom em mau e o mau em bom”. Esta monumental transvaloração dos valores causa espanto.

Nietzsche joga por terra os princípios morais mais importantes do pensamento moderno. De tal forma que, a primeira tarefa preparatória para a interpretação da crítica genealógica nietzscheana consiste em um trabalho de esclarecimento e auto-reconhecimento dos princípios morais modernos, como finitos e falíveis.

Para realizar-se um verdadeiro trabalho de interpretação da crítica moral nietzscheana, é preciso conhecer o contexto a partir do qual parte seu pensamento. Neste sentido, parece vital reconhecer o princípio fundamental da época moderna: a idéia de igualdade natural entre os seres humanos. Esta idéia está presente já na tradição judaico-cristã: “todos são iguais diante de Deus” e em grande parte dos tratados políticos e éticos modernos: “todos são iguais diante da lei e do Estado”.

Este princípio, no seu prolongamento, propõe uma compreensão do valor e do bem humanos na qual as hierarquias e as relações entre senhor e escravo não teriam mais sentido, pois tais relações seriam ou um desvio da bondade natural dos homens ou a pré-história da humanidade.

Não faz nenhum sentido para a moral moderna igualitarista, um pensamento que propõe o estabelecimento de hierarquias e divisão hierárquica da sociedade entre dominados e dominadores.

Atualmente, as formas de pensamento mais sofisticadas pretendem que as leis de Estado, as normas de conduta tenham como base este princípio de igualdade. O princípio da igualdade, é talvez um dos mais difundidos princípios atuais. Está presente na maioria dos Estados de Direito. Figura, inclusive, no modo de pensar e valorar. Faz parte, acreditamos, até do não consciente. É um preconceito moral de primeira ordem.

## 1.2 Vontade de poder

Para que realmente se entenda o pensamento de Nietzsche, bem como suas razões, é preciso que se considere o contexto de suas idéias. As valorações morais nietzscheanas devem ser

consideradas em um outro contexto. Tal novo contexto é o das relações imanentes à “vontade de poder” (*Wille zur Macht*).

A vontade de poder ou vontade de potência não pertence ao espaço do ter, mas ao do ser; querer a potência é querer-se a si mesmo maior; ela só pode tornar-se o querer de uma possessão indiretamente, se acontecer que essa possessão a torne maior.<sup>2</sup>

Trata-se aqui, de uma forma de fundamentação e valoração distintas da modernidade e do idealismo. A modernidade pretende, essencialmente, pressupor a ausência desta vontade de poder, logo, ausência de relações entre senhores e escravos. Busca extinguir a existência de hierarquia social.

Para Nietzsche, a presença da vontade de poder em todo acontecer, é o “ponto de vista capital do método histórico” e genealógico. No interior deste contexto de sentido, a moral boa, a moral do senhor, será independente, conquistadora, dominadora, que quer doar-se, ao passo que a moral má, a moral do escravo, é dependente, reativa, fraca, utilitária.

É, pois, neste contexto que, os maus (os escravos) devem ser instrumentos dos bons (os senhores). Uma vez esclarecido o

contexto de sentido do empreendimento genealógico, impõe-se ainda, um outro esclarecimento. Trata-se de uma inversão metodológica relativamente à tradição filosófica. Esta tradição, em grande parte, pretendeu subordinar a ética ao primado da política.

Na antiguidade, tanto em Platão como em Aristóteles, as ações dos indivíduos estavam logicamente subordinadas às relações políticas. A felicidade do Estado era maior e mais bela que a felicidade do indivíduo. Em um contexto de produção e apropriação pela guerra, os indivíduos e sua perspectiva ética, deveriam subordinar-se ao bem comum.

Na modernidade, apesar já de uma certa autonomia do indivíduo frente ao Estado, tanto as doutrinas, do socialismo, bem como do liberalismo, subordinam suas respectivas éticas ainda, àquele que poderíamos chamar de ser genérico. Aplica-se a idéia universal do humano, o indivíduo médio. A modernidade tem como base, além daquele princípio de igualdade, já mencionado, um outro, o da universalidade. Igualdade e universalidade balizam o pensamento.

Na perspectiva nietzscheana, este primado de universalidade não é um pressuposto metodológico, ao contrário, é exatamente a ação do indivíduo “de exceção” e da minoria que se coloca o horizonte de sua elaboração ética.

No pensamento de Nietzsche o Estado, a política, a história e mesmo

a humanidade, em um certo nível, são questões de ordem secundária. O que realmente importa é a construção da cultura e de um tipo superior de indivíduo, o gênio, o herói, as minorias de exceção, o super-homem.

## 1.3 Transvaloração dos Valores

A valoração moral de Nietzsche, como já se observou anteriormente, se constituirá a partir de uma crítica e transvaloração dos valores ocidentais, moderno-cristãos dominantes.

Esta transvaloração crítica dos valores será, aqui, apresentada a partir de cinco premissas categóricas de fundamentação ética as quais deverão permitir uma compreensão introdutória global da filosofia moral nietzscheana.

### 1.3.1 Alma e Corpo

Em primeiro lugar, existe em Nietzsche uma severa crítica à tradição que começa Sócrates-Platão, passa por todo o cristianismo até a modernidade cartesiana, a qual pretende que a alma e a razão sejam primeiras relativamente aos instintos e ao corpo.

Nesta tradição o corpo e os instintos seriam incapazes de determinar valores morais bons, ao contrário, corpo, instintos, sensualidade, são mesmo coisas “ruins”, “diabólicas”, princípios de todo mal. A alma e a razão seriam, elas, os elementos distintos do humano,

<sup>2</sup> HÉBER-SUFFRIN, Pierre, O “Zaratustra” de Nietzsche, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, pág. 75.

capazes de formular e determinar as boas ações. A razão e a alma seriam o centro de gravidade por onde a verdade e, em especial, a verdade moral pode e deve ser atingida.

Para Nietzsche, este tipo de valoração é um pecado contra a vida. Sobretudo, para ele, uma moral deve ser afirmadora da vida. Em primeiro lugar, está a afirmação dos instintos, do corpo. Para Nietzsche o que deve determinar em primeiro plano uma moral é a vontade de poder, são os instintos, é a “felicidade” do corpo. O corpo não é um mal, o corpo é um bem divino. Ele não é secundário, é primeiro na formulação moral; na hierarquia dos valores.

Sem o corpo não há alma, nem tampouco razão. A razão, neste contexto, deve ser um “instrumento” dos desejos. Há um certo número de sentimentos, quer sejam atrações, quer sejam repugnâncias, que falam com tal força que em face deles, sua inteligência só pode calar-se e fala-se de paixão<sup>3</sup>. Assim sua cabeça não passa de vísceras para seu coração.

Não é a toa que que Zarathustra assevera que “por detrás dos seus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se, ‘eu sou’. Habita seu corpo; é o seu corpo”.<sup>4</sup>

### 1.3.2 A Morte de Deus

Depois, uma segunda premissa, é a idéia de que Deus morreu. Isto significa dizer que Deus não fundamenta mais lei moral alguma. Deus não existe mais. Deus, o cristão, é uma invenção dos fracos.

Tudo o que diz respeito a Deus, vida além, mundo além, alma imortal são apenas formas de negação da vida na terra, a única vida que realmente tem valor. Os verdadeiros pecadores são aqueles que renegam a terra e a vida na terra.

É no contexto desta crítica que os valores do corpo e do cotidiano assumem significação de primeira ordem. A negação do corpo e do cotidiano são formas da decadência, do enfraquecimento do homem. Uma moral afirmativa da vida, deveria, pois, compreender que as questões do cotidiano, tais como alimentação, vestuário, clima, habitação e exercícios, são questões filosóficas da maior importância.

A morte de Deus, então, significa que as proposições e valorações morais devem ser feitas pelo próprio indivíduo em sua vida, única e finita. O sentido existencial deve ser colocado desde o próprio indivíduo.

Assim, este indivíduo, sem Estado, sem Deus, deve, ele mesmo, dar um sentido para sua existência.

O Eterno Retorno Trágico Dionisíaco, terceira premissa, constituirá para Nietzsche o centro de gravidade da moralidade do indivíduo.

### 1.3.3 Eterno Retorno

O Eterno Retorno será uma espécie de bússola das ações morais do indivíduo, enquanto o Trágico dionisíaco será a antítese do ideal ascético de renúncia de si e da vontade em um contexto de afirmação de si e da vontade de poder.

O existir humano finito e a falta de sentido no sofrimento, foi até agora a grande maldição do humano. Ter dado uma resposta, a única até Zarathustra, segundo Nietzsche, a este sofrimento o ideal ascético, mesmo sendo um ideal de negação da vida, conseguiu seu enorme espaço, porque é da natureza do humano querer. E este preferirá “querer o nada, a nada querer”<sup>5</sup>.

O Eterno Retorno é um imperativo moral e não tem nada a ver com uma concepção de vida eterna, de retorno da vida depois da morte. Ao contrário, o horizonte do eterno retorno é a vida do indivíduo, única e finita neste mundo.

O imperativo moral do Eterno Retorno implica que o indivíduo pergunta a si mesmo no contexto de uma determinada ação: “faria isto, viveria isto que estou fazendo vivendo

agora, uma outra vez ainda, e se fosse possível viver milhares de outras vezes, faria e viveria isto?” Trata-se de desejar a ação de tal modo que, se ela retornasse infinitas vezes, ainda assim se agiria da mesma forma.

### 1.3.4 O Trágico Dionisíaco

O trágico dionisíaco é um dizer-sim à globalidade da vida e da existência como tal, mesmo ao sofrimento, ao erro. É a forma suprema de afirmação. Mas dizer sim ao sofrimento, à dor não como uma forma de renúncia à alegria, à vida, em nome de uma vida-além, ou de um futuro paraíso terrestre. O sofrimento, ao contrário, é precisamente a forma suprema de auto-afirmação da vida, tal como a vida é. Só o crescimento, a conquista, implica dor e sofrimento.

Este “dizer-sim” não é um dizer-sim resignado. Isto, para Nietzsche, é coisa de “suínos” e “asnos”. O sim dionisíaco só tem sentido no contexto de uma vontade de poder que quer crescer, viver, se apropriar. Por outro lado, como veremos em seguida, não se trata de um sim do egoísmo individualista utilitário, pois o mito trágico glorifica o “herói combatente”.

O horizonte deste eterno retorno e trágico dizer-sim é dos valores nobres, a moral do senhor. Esta moral do senhor afirma e representa a

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., *A Gaia Ciência*, Hemus Editora, 3<sup>a</sup> edição, São Paulo, SP, pág. 40.

<sup>4</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., *Assim Falava Zarathustra*, Hemus Editora, São Paulo, SP, pág. 26.

<sup>5</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., *Genealogia da Moral*, Companhia das Letras, São Paulo, SP, 1998, pág. 149.

vontade de poder, força causal determinante de todo acontecer vivo.

Assim, como quarta premissa categórica de fundamentação, encontramos *Wille zur Macht*, a vontade de poder. Para Nietzsche, a vida mesma é vontade de poder. Esta vontade de poder é uma "vontade vital, inexaurível e criadora".

Esta vontade de poder é, para Nietzsche, boa, o poder mesmo é bom, enquanto para a tradição filosófica (Platão, Santo Agostinho, Rousseau, Schopenhauer, Kant e grande parte do marxismo, por exemplo) ela é ruim.

Para Nietzsche, pretender tirar da vida, a vontade de poder, é querer tirar da vida o seu essencial. Não é possível renunciar à *Wille zur Macht*. Para crescer e evoluir a humanidade tem necessidade de competição, luta, hierarquia de direitos e deveres. Daí que, bravos e covardes, senhores e escravos constituem uma antinomia insuperável na vida moral; e segundo seus tipos devem ser hierarquizados e valorizados.

*Wille zur Macht* implica, pois, sempre, uma vida de lutas. Daí que o bom, neste contexto, será o guerreiro. O aristocrata guerreiro. A moral aristocrática, será, por fim, a expressão ética positiva de *Wille zur Macht*.

### 1.3.5 Moralidade Escrava e dos Senhores

Desta forma, em quinto lugar, cabe considerar o conteúdo desta

moralidade aristocrática. Ela sempre se fará em oposição à moralidade escrava. Os valores nobres afirmam a vida, enquanto os valores escravos a negam. Os valores que afirmam a vida são o heroísmo, os instintos, a independência, a dominação, o poder, a vontade de poder, enquanto os valores que negam a vida são a renúncia de si, a negação da vontade, os instintos de rebanho, a dependência, a covardia.

O ato de criação e valoração na moral do senhor parte de uma glorificação de si, "a alma nobre tem reverência por si". Enquanto a moral do escravo parte de uma negação do outro. A primeira o faz porque sente necessidade de atividade, enquanto a segunda o faz de forma reativa.

É importante que se ressalte que os termos nietzscheanos forte e fraco, mestre e escravo não tem o significado geralmente utilizado. Trata-se de uma visão psicológica, dos sentimentos daqueles que ele busca caracterizar. Segundo Deleuze, é evidente que o escravo não deixa de ser escravo ao tomar o poder nem o fraco, um fraco. As forças reativas não deixam de ser reativas. Porque, em todas as coisas, trata-se de uma tipologia qualitativa, trata-se de baixeza e de nobreza. Os nossos senhores são escravos que triunfam devir-escravo universal.

Nietzsche descreve os Estados modernos como formigueiros, em que os chefes e os poderosos levam a

melhor devido à sua baixeza, ao contágio desta baixeza e desta truanice.<sup>6</sup>

O ressentimento é isto, uma forma de criar valores pelo ódio, um dizer-não externo. Enquanto a forma ativa, nobre, de criar valores diviniza o seu próprio inimigo. Heitor e Aquiles, um diante do outro, na tragédia homérica, por exemplo. O ressentimento trata da negação de si e do inimigo, ele é o ódio do impotente no agir.

O homem nobre não precisa depreciar e falsear seu objeto, tal como faz o homem do ressentimento. Daí que a origem da justiça situa-se desde a perspectiva do homem nobre. A origem do bem não está na utilidade para si ou para outro de determinada ação moral. O bom não provém do juízo do fraco que recebe um bem, mas são os nobres, os fortes que estabelecem.

A ordem das castas é um desígnio da natureza. É preciso que se crie tipos superiores e supremos. A missão própria da aristocracia: a produção de bens superiores da civilização. É preciso, pois, afirmar a moral dos vitoriosos, dos fortes, dos ricos em corpo e espírito.

Neste contexto, uma questão se coloca de imediato: a moral aristocrática de Nietzsche não seria

uma moral meramente egoísta? Para responder a esta questão, tratamos o problema da piedade e, em seguida, o do sofrimento.

Para Nietzsche, a piedade é uma forma da moralidade dos fracos, dos pouco altivos, talvez egoístas de uma outra forma. A piedade é ruim, sobretudo, porque, no ato da piedade, o outro deixa de ser objeto de temor, logo, perde o que lhe é mais próprio como humano.

A piedade fere o orgulho do outro. É por isso que Zarathustra quando questionado sobre dar esmolas responde: "Não, eu não dou esmolas. Não sou bastante pobre para isso"<sup>7</sup>. Para Nietzsche, o fato de dar esmolas só humilha, não diminui a diferença. Ao dar uma esmola não ocorre a aproximação entre o que doa e o que recebe, muito pelo contrário, a distância psicológica aumenta.

Como já foi falado, o doar-se é marca distintiva da moral nobre. Mas o doar-se é feito como o amigo faz a outro amigo. Os outros, eles mesmos, devem colher os frutos da doação nobre, por si mesmos. Para eles, diz Nietzsche, isto é menos vergonhoso.

A moral nobre visa o doar-se, ao passo que a moral escrava visa ganhar algo. A moral escrava é uma

<sup>6</sup> DELEUZE, Gilles, Nietzsche, Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70, Lisboa, Portugal, pág. 24.

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., Assim Falava Zarathustra, Hemus Editora, São Paulo, SP, pág. 8.

moral utilitária para Nietzsche. Enquanto o egoísmo nobre quer tesouros para doar o egoísmo miserável está baseado na vulgaridade utilitária, ele quer roubar.

Esta moral utilitária, entre outras, pretende que a felicidade seja o princípio segundo o qual movem-se os indivíduos. Ora, para Nietzsche, a felicidade não é o sentido originário da vida do indivíduo. Ao contrário, tudo o que é grande implica dor. O sofrimento enobrece. A disciplina do grande sofrer criou, para Nietzsche, "toda a excelência humana".

Sofrer não é mau, sofrer é bom. Mas sofrer, não no sentido da culpa, da renúncia de si, como pretende o ideal ascético, mas sofrer no sentido de que é precisamente o sofrimento que faz a vida crescer. Sofrer porque é preciso também afirmar a própria existência. O sofrimento não serve para pagar uma culpa originária.

Logo, deve-se renunciar a todas filosofias que pretendem a felicidade para todos, o maior número, o bem estar do rebanho, a segurança, ausência do perigo e o fim do sofrimento, pois elas não passam de filosofias de fachada.

O que define o verdadeiro valor de um indivíduo é o seu impulso para o heróico. Pensando assim, diz Zarathustra, "Que interessam a minha paixão e a minha compaixão? Acaso

desejo a felicidade? Eu aspiro à minha obra!"<sup>8</sup>. Esta obra deve estar circunscrita no contexto da história monumental. O indivíduo deve dar um nobre sentido para sua existência. Ele deve morrer por um alto e nobre para quê.

## 2. Nietzsche e a Política Moderna

Segundo Ansel-Pearson, durante grande parte deste século, o pensamento político de Nietzsche foi uma fonte de constrangimento e perplexidade. O consenso que se manteve dominante por várias décadas, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até bem recentemente, foi de que Nietzsche não era de modo algum um pensador político, mas alguém que se preocupava sobretudo com o destino do indivíduo isolado e solitário, muito distante das preocupações e relações do mundo social.

Essa opinião foi típica daqueles que, como o seu conhecido tradutor e biógrafo Walter Kaufmann, tentaram resgatar os escritos de Nietzsche das deturpações que sofreram nas mãos dos ideólogos e propagandistas do nazismo. No entanto, o resultado foi uma interpretação desistoricizada e despolitizada, que impôs o obscurantismo a um aspecto-chave

da filosofia de Nietzsche: seu pensamento político.

Nos últimos anos foram publicados numerosos e significativos estudos sobre esse tema; como consequência, a preocupação essencial de Nietzsche com as inquietações dos seres humanos que vivem na modernidade recente e experimentam uma conturbada luta com os dilemas políticos de sua existência é hoje amplamente reconhecida. Como toda sua obra, seu pensamento político continua a embaraçar alguns e confundir muitos. O exame da dimensão política do pensamento de Nietzsche ainda constitui o aspecto mais polêmico e controverso dos estudos nietzscheanos.

O pensamento político de Nietzsche muitas vezes é preterido e ignorado por ser incapaz de se amoldar aos pontos de vista liberal e democrático que têm preponderado nos últimos duzentos anos.

Podemos rejeitar o pensamento político de Nietzsche por julgar inadequada sua solução para os imensos problemas que se apresentam aos seres humanos modernos, mas isso não significa que não podemos achar nenhum ensinamento em sua obra. Como na vida, também na obra de Nietzsche

encontramos tanto grande perigo quanto grande promessa. O próprio Nietzsche nos mostra isso em seu Zarathustra.

No prólogo de Assim Falava Zarathustra, Zarathustra, em seu discurso, afirma ser "o homem uma corda distendida entre o animal e o super-homem: uma corda sobre o abismo; travessia perigosa, temerário caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

A grandeza do homem está em ser ele uma ponte, e não uma meta; o que se pode amar no homem é ser ele uma passagem e um termo."<sup>9</sup>. O pensamento político se não acabado e perfeito nos servirá de ponte.

### 2.1 Iluminismo e Revolução

Segundo o professor Keith Ansell-Pearson, as obras de Nietzsche no período compreendido entre os anos de 1878 e 1882 contêm um conjunto de percepções coerentes e instrutivas sobre as realidades e dilemas da existência social moderna. Nessas obras, encontramos um Nietzsche que defende os objetivos do Iluminismo e incentiva a causa de uma teoria racionalista e crítica.<sup>10</sup>

É neste período que Nietzsche inicia seus estudos sobre a histórica dos conceitos e julgamentos morais.

<sup>8</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., Assim Falava Zarathustra, Hemus Editora, São Paulo, SP, pág. 247.

<sup>9</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., Assim Falava Zarathustra, Hemus Editora, 6<sup>a</sup> edição, São Paulo, SP, pág. 11

<sup>10</sup> ANSELL-PEARSON, Keith, Nietzsche Como Pensador Político, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ, pág. 98.

Repudia o consolo da metafísica e busca o primado pela terra e pela vida. Aprova a filosofia moderna e ataca toda a autoridade não estudada, seja esta religiosa e metafísica, moral ou política.

Apesar de apoiar o Iluminismo, condena qualquer tentativa de desenvolver uma filosofia da revolução a partir de seu desafio à autoridade ilegítima. Para Nietzsche, uma filosofia da revolução está sujeita à ilusão de que, ao ser derrubada uma ordem social, então “o mais orgulhoso templo da humanidade justa erguer-se-á sem demora e espontaneamente”.

A moderna teoria da revolução origina-se da convicção de Rousseau de que, sob camadas de civilização, encontra-se enterrada uma bondade humana natural; a fonte da corrupção não se encontra dentro do homem, na natureza humana, mas nas instituições do Estado e da sociedade, e na educação. Contra essa teoria, Nietzsche oferece a seguinte advertência e conselho:

Infelizmente se sabe, por experiências históricas, que toda subversão desta espécie ressuscita as energias mais selvagens como os terrores e desmedidas há mais tempo sepultados, das épocas mais distantes: que portanto uma subversão bem pode ser uma fonte de força em uma humanidade

debilitada, mas nunca um ordenador, arquiteto, artista, consumidor da natureza humana.<sup>11</sup> Na verdade Nietzsche nunca abandonou seu receio e a sua desconfiança a cerca da moral e da política.

Para promover a causa da moderação e da evolução progressista, Nietzsche exige um novo modo de filosofar que começa com a pressuposição de que não há fatos eternos nem verdades absolutas. A crítica de Nietzsche da metafísica e da autoridade filosófica, reflete o que ele percebe como mudanças políticas significativas que ocorrem nas modernas sociedades europeias. Para ele, a crescente liberalização e democratização da sociedade gera a necessidade de um novo modo de filosofar “histórico”, que deve ser tanto esclarecido quanto crítico.

Segundo Nietzsche, é necessário reconhecer que, na era moderna, a crença na autoridade incondicional e na verdade definitiva está desaparecendo. O que caracteriza a era moderna é a secularização da autoridade política. “O período do tirano está terminado.”

Nietzsche, sustenta que o necessário para eliminar os males sociais não é o pregado pelos socialistas, uma compulsória redistribuição da propriedade, mas uma transformação gradual de

mentalidade: o senso de justiça deve aumentar em cada um e o instinto para a violência enfraquecer.

Com o declínio da crença religiosa, falta às sociedades modernas o meio tradicional para legitimar a autoridade. Ele afirma, por exemplo, que “onde a lei já não é tradição, como ocorre conosco, só pode ser ordenada, imposta por coerção, de modo que temos de nos conformar com a lei arbitrária, expressão da necessidade do fato de que deve haver lei”<sup>12</sup>.

Para Nietzsche, é o declínio de uma base religiosa para o Estado a ocorrência decisiva do período moderno. O significado da religião na vida de uma cultura se encontra no fato de consolar os corações dos indivíduos em momentos de perda, privação e medo, isto é, em momentos em que um governo é incapaz de aliviar os sofrimentos físicos de seu povo, perante acontecimentos inelutáveis e inevitáveis, como fomes coletivas e guerras. A religião é útil pois, por meio do cultivo do sentimento popular e de uma identidade comum, assegura a paz civil interna e estimula o contínuo desenvolvimento de uma cultura.

## 2.2 Declínio da Moral Religiosa

O resultado do declínio na importância da religião na vida cultural

de uma comunidade ou de um Estado é que a base ética da obrigação do indivíduo para com a sociedade é gradualmente corroída, à medida que sentimentos egoístas passam a dominar seu senso de obrigação política. As violências acobertadas pelo sigilo estão novamente liberadas. Aquele sábio que descobriu o temor aos deuses para conter a perversidade e legitimar a obediência às leis foi descoberto. A origem da obediência às leis deve ser outra.<sup>13</sup>

Nietzsche considera que a consequência fundamental da ascensão da democracia moderna é o “declínio e morte do Estado”. Um dos pontos que deseja ressaltar é que o estado secular moderno representa apenas a “liberação do particular”, não do “indivíduo”.

A visão de Nietzsche como extremo individualista, preocupado apenas com o indivíduo associal e isolado, é profundamente enganosa. O compromisso de Nietzsche é com a cultura e o cidadão, não com o indivíduo particular e abstrato da democracia liberal moderna. A privatização da sociedade significa, para Nietzsche, o fim da sociedade.

Nietzsche afirma que a democracia moderna representa a decadência do Estado. Para ele, a crença em uma ordem divina na esfera política é de origem religiosa. Com o declínio da religião, uma perda de

<sup>11</sup> NIETZSCHE, Fredrich W., Humano, Demasiado Humano, *Os Pensadores – Nietzsche*, Nova Cultural, Capítulo VIII, § 463, pág. 91.

<sup>12</sup> ANSELL-PEARSON, Keith, *Nietzsche Como Pensador Político*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ, pág. 101.

<sup>13</sup> VASCONCELOS, Arnaldo, *Direito, Humanismo e Democracia*, Malheiros Editores, São Paulo, SP, pág. 100.

reverência, que ameaça minar a paz e harmonia cívica, acompanha o aparecimento dos estados modernos.

Com o declínio do absolutismo político sancionado pela lei divina, apresenta-se a possibilidade da sociedade ser esfacelada. Nas palavras de Hobbes pela “guerra de todos contra todos”.

Porém, otimista, Nietzsche espera que o desenvolvimento de um estado secular ocasiona um novo período de tolerância, pluralismo e sabedoria. Convida o moderado e o esclarecido a tirar proveito das oportunidades que existem para a mudança social e colocar seus esforços a serviço de uma sociedade tolerante e pluralista, a fim de repelir as experiências destrutivas do precipitado e do excessivamente zeloso”.

O otimismo de Nietzsche reflete-se em sua crença de que, quando o Estado Moderno tiver cumprido sua tarefa, e quando toda recaída na antiga doença tiver sido superada, será virada uma nova página no livro da humanidade. Ele acredita que, se a prudência e o interesse pessoal dos seres humanos modernos se tornaram seus instintos mais fortes e mais ativos, e “se o Estado já não está à altura das exigências des-

sas forças”, então o que deveria seguir-se não é o caos e a anarquia, mas a luta gradual e esclarecida por uma invenção mais adequada a seu propósito do que o Estado”.<sup>14</sup>

### 2.3 Democracia como Solução à Modernidade

Inicialmente, Nietzsche tinha como concepção de Estado aquela idealizada por Platão. Com o tempo sua concepção inicial foi se modificando, em Humano, Demasiado Humano, Nietzsche modera significativamente sua concepção de Estado, admitindo que, se o objetivo da política é tornar a vida tão suportável para tantas pessoas quanto possível, o que seria a subjacente moralidade utilitária da vida moderna, então deveria ser concedida às pessoas a liberdade de determinar o que entendem por uma vida suportável.<sup>15</sup>

Sua adesão à democracia surge da possibilidade que esta permita que no seio da sociedade seja proporcionado espaço para o raro, o único e o nobre. O que para ele não tem fundamento político. Nesta visão a democracia não significaria, inevitavelmente, a morte da cultura elevada e dos valores nobres, contanto que as duas cultura e política possam

chegar a um acordo acerca dos objetivos de cada uma, e que se proporcione espaço para a prática de ambas.

Nietzsche argumenta a favor de uma democracia futura que superará polaridades de riqueza e poder. Um de seus maiores desejos era que, através desta democracia, fossem consideradas obsoletas, segundo ele, as duas mais perigosas ideologias do período moderno, o nacionalismo e o socialismo.

Para ele, a democracia, visa “criar e garantir tanta independência quanto possível: independência de opinião, de modo de vida, de emprego”. Para alcançar isso, contudo, tem de destruir os três principais inimigos da independência que propicia: os partidos políticos, os não-possuidores pobres e a classe proprietária rica.

Nietzsche é favorável a uma ordem social que “mantenha abertos todos os caminhos para a acumulação de moderada riqueza por meio do trabalho”, ao mesmo tempo que impeça “a repentina ou imerecida aquisição de bens”.

Nietzsche até endossa uma política trabalhista esclarecida, que garantirá aos trabalhadores segurança, proteção contra a injustiça e a exploração. Dessa maneira, garantir o contentamento do corpo

e da alma do trabalhador assegurará que sua prosperidade seja também a prosperidade do todo social.

Para Nietzsche, o verdadeiro perigo do socialismo, reside em seu extremo terrorismo. Ao afastar totalmente a religião, no socialismo, não há mais qualquer base ética ou divina para o Estado.

O socialismo, encarado como um credo ímpio e irreligioso empenhado na supressão de todos os estados existentes, só pode existir mediante o exercício do terrorismo. Nietzsche ataca os socialistas por cultivarem uma atmosfera de medo e por “cravarem a palavra ‘justiça’ nas cabeças das massas semi-instruídas como um prego com o fim de despojá-las de sua razão (...) e criar nelas uma consciência favorável ao jogo pernicioso de que devem participar”.<sup>16</sup>

Uma das afirmações mais surpreendentes de Nietzsche sobre o socialismo é que este não prefigura uma forma qualitativamente nova de sociedade, mas deve ser considerado, antes, uma reação ao individualismo atomista da sociedade liberal, que busca estender a liberdade e a felicidade a todos os indivíduos. Não tem noção, portanto, dos fins da organização política como um todo, e a única moralidade a que pode

<sup>14</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., Humano, Demasiado Humano, *Os Pensadores – Nietzsche, Nova Cultural, Capítulo VIII.*

<sup>15</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., Humano, Demasiado Humano, *Os Pensadores – Nietzsche, Nova Cultural, Capítulo VIII, § 438.* providências:

<sup>16</sup> NIETZSCHE, Friedrich W., Humano, Demasiado Humano, *Os Pensadores – Nietzsche, Nova Cultural, Capítulo VIII, § 473, pág. 95.*

recorrer para justificar seus planos de ação é uma moralidade utilitária.

Ao nacionalismo, Nietzsche combate por acreditar que este é abertamente racista. Para ele, a política nacionalista feita, consciente ou inconscientemente, pela separação das nações mediante a geração de hostilidades é artificial, é, em essência, um estado de sítio e autodefesa forçosamente imposto, infligido à maioria pela minoria, e exige astúcia, força e falsidade para manter atitude respeitável.

Para ele, depois de se reconhecer esse fato, não se deve ter medo de se proclamar simplesmente um bom europeu e trabalhar ativamente para o amálgama das nações. Em sua visão, a democracia venceria ao socialismo e ao nacionalismo.

A conseqüência prática dessa vitória da democracia será, segundo Nietzsche, “uma liga européia de nações, na qual cada nação individual, delimitada segundo adequação geográfica, possuirá o status e direito de um Cantão”. Ele antevê as futuras relações internacionais em que os diplomatas “terão de ser, simultaneamente, especialistas em cultura, agricultores e peritos em comunicações, e que terão atrás de si não exércitos, mas argumentos”.<sup>17</sup>

### 3. Conclusão

Neste trabalho apresentamos, de forma resumida, a sua filosofia moral e por último, seu principais posicionamentos a cerca da política e do Estado moderno.

Podemos afirmar, com segurança, que a principal percepção de Nietzsche, sobre a política na era moderna é a necessária reconstrução, progressiva, não revolucionária, do Estado. Esta necessidade de reconstrução tem como motivação o crescente declínio da autoridade religiosa, a decadência do Estado tradicional e o desgaste da lei e dos costumes tradicionais.

Talvez, esta não seja uma posição solitária, mas certamente faz com que Nietzsche seja um dos mais importantes autores quando buscamos interpretar os fenômenos políticos modernos. Interpretar a obra de Nietzsche, como algo apolítico é profundamente falho e nos impossibilita de dar a devida importância a uns dos maiores filósofos do nosso tempo.

### Referências Bibliográficas

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Biblioteca básica de Filosofia. Portugal: Edições 70, Lisboa.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. *O “Zaratustra” de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

NIETZSCHE, Fredrich W. *Humano, Demasiado Humano*. Os Pensadores – Nietzsche. São Paulo: Nova Cultural.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Hemus Editora.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. 3. ed. São Paulo: Hemus Editora.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim fala Zaratustra*. São Paulo: Hemus Editora.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e anti-humanismos*. 13. ed. Petrópolis: Editora Vozes.

TÜRK, Christoph. *O Louco: Nietzsche e a mania da Razão*. São Paulo: Editora Vozes, 1993.

VASCONCELOS, Arnaldo. *Direito, Humanismo e Democracia*. São Paulo: Malheiros, 1998.

<sup>17</sup> ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche Como Pensador Político*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, RJ, pág. 108.